

SABEDORIA DA SELVA

Vera
Barclay



CORPO
NACIONAL
DE ESCUTAS

SABEDORIA DA SELVA

por
Vera C. Barclay

SABEDORIA DA SELVA

O Livro
dos Chefes de Alcateia

Edição do
CORPO NACIONAL DE ESCUTAS
— Escutismo Católico Português —
Lisboa

Introdução da Edição Inglesa

Há muitas pessoas que compreendem os rapazinhos da idade do Lobito, mas que são mais ou menos incapazes de transmitir aos outros o que sabem. Um maior número ainda pode escrever ou dissertar sem fim sobre os rapazes desta idade, sem perceber grande coisa do assunto.

A autora deste pequeno livro conhecia os rapazinhos, e comunica-nos os seus conhecimentos duma maneira viva e interessante.

Assim, o livro «Sabedoria da Selva» virá a ser um sucesso. Compreendereis melhor, lendo este pequeno volume, o espírito do Lobito; seguireis melhor a eficácia dos métodos do Escutismo, uma vez que são bem aplicados, e talvez venhais mesmo a dizer para convosco próprios: «Cá está! Nunca tinha deparado com esse ponto de vista!» ou «Até aqui não tinha entendido bem a maneira como os Lobitos encaram a vida!»

Os Lobitos são «humanos», intensamente «humanos», e a sua humanidade é tão deliciosamente descrita neste livro, que o tempo passado a lê-lo não será, estou certo, tempo perdido. Não fareis senão amar mais ainda os vossos Lobitos e trabalhareis com eles mais do que nunca.

N. D. Power
Comissário Nacional dos Lobitos
Julho de 1925

Introdução

Ao traduzir — há uns dez anos — o texto que se publica agora entre nós, tinha a finalidade de responder às Alcateias da Região da Guarda, que sempre conseguiam «digerir» quanto lhes preparava em actividades ou textos de informação.

Insaciáveis Chefes e Lobitos, a quem devo o maravilhoso desafio de procurarmos «Sempre Mais e Melhor»: são responsáveis pelas ultrapassagens de tempo-espaço que consegue fazer quem (embora limitado) se lança no campo da Educação.

Ao rever o texto quase me surpreendo com a actualidade e pertinência das questões abordadas:

— a importância da formação de base para dirigentes, envolvendo uma luta sadia por viverem os valores que transmitem com a força do exemplo.

— o problema da linguagem acessível a este nível etário. A concretização. O acompanhar cada um no seu evoluir como ser único e irrepetível.

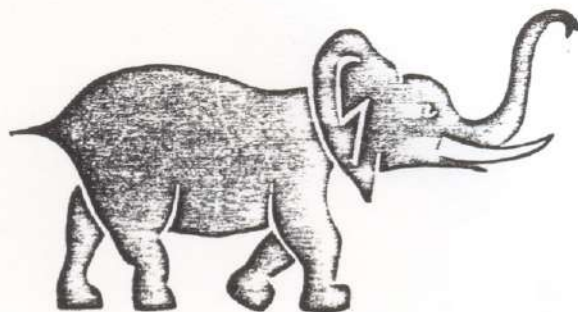
— a necessidade de entender algo como isto:

«Parece-me que o mundo de hoje tem necessidade de aprender duas espécies de lições: a primeira é saber trabalhar e amar o seu trabalho; a segunda é saber divertir-se.»

Eis, em resumo, a questão: as pessoas dos nossos dias têm grande necessidade de aprender a viver.»

Aqui está, por assim dizer, a chave que poderá abrir as portas a uma terra mais sadia, mais respirável: humana.

A Tradutora



PRIMEIRA PARTE

CAPÍTULO I

O sentido das coisas na Selva

«Leva-o, disse Àquêlá a Pai Lobo, e educa-o como a um membro do Povo Livre»... e Pai Lobo ensinou-lhe o seu ofício, e o sentido de todas as coisas na Selva.

(O Livro da Selva, de R. Kipling)

Podemos depreender com bastante segurança de que as lições de Pai Lobo foram as mais práticas do mundo. O que ensinou foram coisas que valiam a pena; ensinou-as de uma maneira verdadeiramente inteligível, sem nunca se servir de palavras ou expressões que Máugli não compreendesse. Finalmente, não as ensinou confortavelmente instalado no fundo da sua caverna. Pelo contrário, levou Máugli consigo e mostrou-lhas, deixando-lhe provavelmente descobrir um bom número delas, à custa de bastantes tolices.

E nós?

Os chefes de Alcateia contam naturalmente uns aos outros os erros que cometem os Lobitos, mas reparando bem, estas saídas dos Lobitos não têm como causa, normalmente, senão o nosso modo de ensinar.

— Noé tinha levado consigo dois micróbios na arca? — perguntava outro dia um rapazinho de cinco anos. Tinha ouvido e entendido mal uma conversa dos primos mais velhos, Lobitos, que falavam de primeiros socorros. De resto, qualquer Lobito, ao fazer prova de segunda Estrela, numa alínea de higiene, diria coisa semelhante e, ao ouvi-lo, não se poderiam entender os micróbios senão

com a forma de dragões alados.

Há mesmo Guias de Bando bastante inteligentes que falam dos micróbios como se pertencessem à «tribu» dos mosquitos. «São pequenos insectos que voam pelo ar» — aqui está a definição habitual. Há pouco tempo, durante uma prova de «trabalho de inferior», um Lobito declarava que, se se mergulham as couves em água salgada antes de as cozer, é para lhe fazer sair os micróbios, de onde eu deduzo que a palavra «micróbio» representa, para ele lesmas, lagartas e outros vermes. Tudo isto prova que os Lobitos encaram o que lhes dizemos sobre os micróbios como uma espécie de contos de fadas, que não é para se acreditar e fazer actuar em consequência.

Os micróbios não são os únicos em causa.

Assim, muito poucos Lobitos sabem por que motivo realizam exercícios físicos. (E no entanto, deviam perceber a razão por que executam determinados movimentos para poderem ganhar a Estrela). Nos tempos passados em que, para ganhar a sua primeira Estrela, o Lobito tinha de executar dois exercícios diferentes, se perguntásseis a um Lobito a razão de ser do primeiro exercício, responder-vos-ia, em noventa por cento das vezes: «É para agradecer a Deus que me dá ar para respirar.» O Chefe tinha-lhe ensinado, sem dúvida, a bonita observação do «Manual do Lobito» que sugere que se diga a Deus «obrigado» a cada expiração e foi a única parte da lição que ele realmente compreendeu.

Um outro Lobito que eu interrogava não conseguia explicar-me por que se lhe recomendava este exercício respiratório; então, como lhe dei um toque sobre o peito, perguntando-lhe o que tinha lá dentro, respondeu-me com bastante solenidade: «Está lá a minha alma».

Vamos, ainda, se preferis, à especialidade de primeiros socorros.

«A melhor coisa para aplicar sobre uma queimadura aberta é sumo de limão e água gaseificada!» — declarou-nos um certo Lobito.

A sua ideia era dizer água de cal e ácido pícrico, como lhe tinham ensinado.

Ou então o Lobito compreende de modo deturpado: Para retirar um grão de poeira do olho de um companheiro — declarava-me um jovem Lobito cheio de possibilidades — é preciso, primeiro, manter o olho aberto, fixando um fósforo atravessado; depois mette-se o lenço no olho e tira-se a poeira!» Evidentemente, isso pode dar resultado, mas prefiro que um Lobito experimente na vista de um outro, que não na minha.

A moral de toda esta história é que o nosso método de ensino não é, talvez, perfeito. Há duas causas fundamentais. A primeira é

que empregamos com frequência palavras e expressões que definiriam muito bem o nosso pensamento se falássemos com uma pessoa crescida, mas que não têm sentido nenhum para os Lobitos, de modo que eles adaptam a nossa ideia a seu modo, como vimos com os micróbios, a água de cal e o fósforo.

A segunda causa de mal entendido é que damos, sobre assuntos puramente práticos, uma instrução teórica.

O primeiro erro é devido à nossa negligência no ensino. Não nos damos ao trabalho de descrever e explicar as coisas por nós próprios, nem de as fazer explicar pelos Lobitos, com as palavras que lhes são familiares.

O segundo erro que consiste em dar, sobre questões práticas, uma instrução teórica, é mais grave ainda.

«Mas, dir-me-eis vós, a nossa Alcateia reúne-se numa escola, cuja porteira nos vê já com maus olhos; que diria ela se eu permitisse aos meus Lobitos que escalfassem ovos, fizessem sinais de fumo, ou que enchessem a sala de ligaduras, óleo ou pensos?» Tendes razão, é impossível, mas também ninguém vos pede que lhes ensineis primeiros socorros, sinalização, culinária. As insígnias de aptidão são já actividades complementares no programa de um Lobito; podem encorajar algum de entre eles que tem disposições especiais para desenhar, por exemplo, ou para coleccionar, ou então excitam a iniciativa de uma Alcateia que tem a sorte de possuir uma banca de carpinteiro, de se encontrar em pleno campo, de dispor de um forno de cozinha, de ter uma equipa de futebol, ou de ter a sorte de ser dirigida por uma chefe que trabalhou como enfermeira.

Imaginemos, no entanto, por qualquer razão que seja, que vos calha ensinar teoricamente coisas práticas. Vou indicar-vos um excelente meio: contai histórias.

Se se trata de primeiros socorros, por exemplo, contai um acidente de caminho de ferro, um combate, um incêndio. Descrevei com pormenor os ferimentos. Arranjai as coisas de modo que o Lobito se aperceba do mal que é preciso remediar: uma hemorragia, uma queimadura, uma ferida aberta que pode infectar-se; e a esse propósito introduzi na história os micróbios, para que os rapazes entendam o que é que são e, no futuro, actuem de acordo com o que aprenderam.

Tornai-os desejosos de ajudar: que perguntem a si próprios como poderão fazê-lo. Explicai-lhes, em seguida, com todos os pormenores, o tratamento a aplicar — que isto faça também parte da história. Mas é necessário que fiquéis, naturalmente, pelos primeiros socorros, os únicos que dizem respeito aos Lobitos e nem tocar em fracturas, que dizem respeito ao trabalho de socorrismo dos Escuteiros.

Quase tudo pode ser aprendido desta maneira. Numa época em que metade da humanidade habita nas cidades, e em que a vida habitual oferece tão poucas ocasiões de fazer coisas práticas, a imaginação tem, na arte de ensinar, um lugar mais importante que nunca. Trabalhem, pois, para que Máugli cresça com a ideia exacta do que é preciso fazer e do modo como deve fazê-lo.



CAPÍTULO II

A Disciplina na Selva

«Estirando-se sobre um ramo Baguirá chamava: «Vem aqui, irmãozinho!» e Máugli começava a trepar à maneira da «Preguiça»; mas continuando sempre, ousou lançar-se através dos ramos quase tão agilmente como o macaco cinzento.»

(O Livro da Selva, R. Kipling)

É necessário encarar o Lobitismo como uma preparação para o Escutismo, quer dizer, como uma preparação para a vida, porque o Escutismo é a própria vida, levada com bom senso e bom humor. Perguntemo-nos, pois uma vez por outra, se todos os nossos esforços tendem a fazer do Lobitismo uma preparação para a vida Escuta; ou se o consideramos como uma coisa limitada, que terminará — oh que pena! — a partir dos doze anos dos nossos Lobitos.

Trata-se menos — neste caso — de ganhar Estrelas, ou de viver segundo o ideal «Lobito», do que aprender a disciplinar-se e a formar o próprio carácter. O que Baguirá ensinava a Máugli era tão importante como as lições de Pai Lobo e de Balú. Para aqueles de entre vós que vivem na Selva citadina, nestes recantos pavimentados, os mais povoados e limitados, é um pouco difícil ensinar aos Lobitos as lições de Báguirá. É no campo e só no campo, que podemos fazê-lo. Durante o resto do ano é preciso contentarmo-nos em tirar o melhor partido possível duma tarefa realizada em condições deficientes. E assim a nossa maior esperança reside, talvez, nas possibilidades que nos oferecem os jogos.

Eis algumas palavras sensatas tiradas dum jornal de educação. Sem dúvida a maior parte dos chefes trabalham neste sentido de intuição; mas é bom, por vezes, ler impressa a razão teórica das ideias que aplicamos). «Podeis» — diz o texto — «inculcar princípios de disciplina moral às vossas crianças, permitindo-lhes mesmo assim, seguir as suas inclinações.» E isto nunca é tão verdadeiro como através dos jogos. É precisamente no interesse comum duma partida dum jogo, na vontade perseverante que exige, no dever que impõe a cada um dos jogadores, que a disciplina moral se torna um hábito do espírito. É claro que se pode obter, sem jogo, disciplina moral e um desenvolvimento físico, mas não se alcançará, nem tão rapidamente, nem de maneira tão eficaz. Quanto ao sentido do dever, ensina-se também com eficácia se se apresenta como uma coisa agradável. É certo que uma criança encontrará deveres que não serão um prazer, mas, nestas circunstâncias, não lhe será muito mais útil ter conhecido obrigações divertidas antes de ter, invariavelmente, encarado o dever como algo aborrecido?

Era uma vez um chefe que reprovava o futebol para os seus Lobitos.

Um belo dia, leu uma pequena «palestra» no «Jornal do Lobito» e ficou convertido. Isto passou-se há muito tempo e a maior parte das Chefes de hoje nunca tiveram conhecimento desta «palestra». Ei-la, então. As Chefes que já têm equipas de futebol desejarão, talvez, lê-la aos seus Lobitos e, sem dúvida, encorajará os outros a estudar a questão.

«Palestra aos Lobitos sobre futebol».

Todos vós sois ferrenhos pelo futebol, claro! Isso é bom, porque não há nada como futebol, para fazer dum rapaz um bom Lobito e vou dizer-vos a razão.

Antes de mais é uma esplêndida aprendizagem de obediência ao primeiro artigo da Lei da Alcateia. Neste jogo deveis obedecer a dois velhos Lobos, quer dizer, ao capitão da equipa e ao árbitro, sem um momento de hesitação e sem o menor protesto.

Qualquer chefe, ao assistir a um desafio de futebol, pode dizer, imediatamente, se a equipa é formada por bons ou maus Lobitos.

Os Lobitos que jogam futebol não dispõem, geralmente, de verdadeiros postes de madeira e têm de se contentar com uma pilha de casacos. Daí a dificuldade de saber exactamente se a bola entrou devidamente entre os postes, ou se o lance deve ser contado como «fora» ou «por alto». Ao árbitro compete julgar.

Os rapazes que não são bons Lobitos vão, naturalmente, discutir a cada marcação. Mal é marcada uma tentativa pelo campo adversário grita este «Já está!» enquanto o outro campo brada: «Não!... Não foi nada!... Foi fora!» Pouco se ralam com o que o ár-

bitro decide. E, mesmo que este tenha dado o seu veredicto, continuam a discutir.

Por vezes vede-os mesmo amuar: o pequeno guarda-redes vai sentar-se sobre um dos montes de casacos, voltando as costas ao terreno e diz: «Isto não é jogo, nem é nada». Ou então o avançado-centro grita: «Não voltarei a jogar com esta sucia de bato-teiros!».

Ora isto é muito triste e prova que os rapazes em questão não são bons Lobitos, nem bons desportistas...

É muito duro, evidentemente, ver o outro campo marcar um ponto ao seu activo, quando estais absolutamente convencidos de que este golo não entrou. Mas a vida não está cheia de contrariedades parecidas com esta? O verdadeiro desportista diz simplesmente: «Que azar!» E em seguida não faz senão jogar mais duro, para compensar a sua má fortuna e marcar um golo que, esse sim, será indiscutível.

Ganhar a Partida não é nada! É muito mais glorioso mostrar que sois bons Lobitos e que sabeis obedecer ao primeiro artigo da Lei do Lobito.

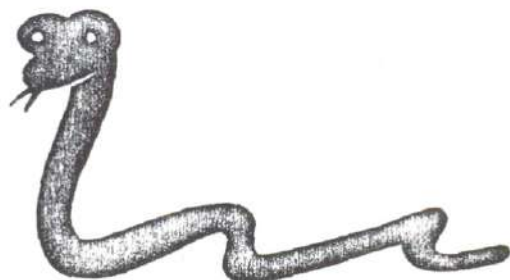
Em segundo lugar, o futebol é uma magnífica aprendizagem de obediência ao segundo artigo da Lei, porque a atenção que deves ter para não vos servirdes das mãos obriga-vos a não vos escutardes a vós mesmos. É tão natural apanhar uma bola com a mão que, instintivamente a vossa mão se estende sem vós quererdes.

«A prática faz o mestre» eis uma boa divisa para os Lobitos. E aqueles que se treinam a não se escutar a si próprios, jogando o futebol, encontrarão mais facilidade em não ceder ao primeiro impulso na vida.

O controle de si mesmo no que diz respeito às mãos não é tudo. É preciso evitar ainda ser «individualista», por exemplo, e aprender a jogar de todo o coração, mesmo num lugar que não vos agrade totalmente. Resumindo, é preciso observar estritamente todas as regras do jogo.

Enfim, no final do desafio, tendes uma oportunidade de mostrar o espírito fraternal dos Lobitos; ou então que cada capitão dê o sinal das aclamações ao outro campo, e que estas aclamações sejam ruidosas e efusiantes como as de verdadeiros Lobitos!

É preciso que todos os Lobitos, detentores de duas Estrelas, tratem de ganhar a insígnia de membro de equipa nesta estação.



CAPÍTULO III

As Lições da Selva

«Quando não estava a aprender, estendia-se ao Sol, dormia, comia e voltava a adormecer; quando se sentia sujo ou acalorado, nadava nos lagos da floresta; e quando queria mel (Balú dissera-lhe que o mel e as nozes eram tão saborosas como a carne crua) trepava a buscá-los como Báguirá lhe ensinara... sabia trepar quase tão bem como nadar, e nadar quase tão bem como correr; Balú, o doutor da Lei, também lhe ensinava a Lei dos bosques e das águas... assim foi crescendo e tomou-se forte, como há-de forçosamente acontecer ao rapaz que não sabe que está a aprender lições».

(O Livro da Selva, R. Kipling)

Tratemos agora dos Lobitos no campo. Será que eles também lá aprendem lições? Não me refiro ao semáforo, nem à bússula, nem mesmo à cozinha ou ao saber acender uma fogueira. O que entendo por «lições» são aquelas que se aprendem sem saber que são lições.

Parece-me que o mundo tem hoje grande necessidade de aprender duas espécies de lições: a primeira é saber trabalhar e amar o seu trabalho; a segunda é saber divertir-se.

Eis a questão; em resumo as pessoas dos nossos dias têm grande necessidade de aprender a viver.

Poderia quase dizer-se que somente durante a curta duração de um acampamento é que vivemos segundo o plano primitivo de

Deus. Longe de mim a ideia de que Deus nos tenha criado para dormir sob a tenda, mais do que para dormir sob um tecto, ou que os sapatos, as meias, as mesas e cadeiras, os comboios, os giradiscos, e T.S.F. ou T.V. sejam contrários ao plano divino, ou ainda que o «bom selvagem» deva ser citado como exemplo aos miúdos. Também não me refiro aos pequeninos pormenores da vida em campo que incluem — claro está — os gafanhotos que se encontram de manhã no saco de dormir e os pedacinhos de erva que *aparecem a nadar dentro da marmita. Não! Digo somente que no campo estamos mais perto do projecto primitivo do Criador, pela maneira como trabalhamos e nos divertimos.*

Muitos trabalhos, sem dúvida, podem incluir-se na categoria das tarefas obrigatórias como o varrer, cozinhar, o fazer a limpeza, o transportar carregamentos, etc..

Mas um trabalho deste género não tem nada de humilhante e o grande S. Bento (*cujos monges realizaram mais trabalhos pesados do que todas as congregações do mundo*), *tinha uma bela máxima bastante semelhante à dos escutas e Lobitos: «Labore est orare», quer dizer, trabalhar é orar. Ele falava, naturalmente, de um trabalho feito dentro do espírito que convém.*

Na Idade Média, toda a cristandade parecia impregnada do espírito de S. Bento, porque o trabalho tinha, no pensamento dos homens e da sua existência um lugar muito diferente do que tem hoje. Mas, na sequência de várias circunstâncias, os políticos e os oportunistas tomaram a direcção do mundo de tal modo, que ele sofre hoje de uma inversão de valores, tendo-se perdido o velho segredo do valor do trabalho, sem que pareça possível reencontrá-lo.

A ideia actual é não trabalhar nada, se for possível; se assim não puder ser, trabalhar o menos que se possa, pelo mais alto salário possível.

Escapemos a este pesadelo uns quinze dias por ano e demos aos nossos rapazes a alegria de trabalhar por amor ao trabalho, a alegria de preparar no Grupo ou na Alcateia um abrigo temporário; que esta organização seja bem orientada, que os Lobitos sirvam os seus irmãos e conquistem o direito de repousar e jogar.

Eles aprenderão assim, sem o saberem, uma das lições que contribuem para formar o carácter, porque trabalham no campo, não para alcançar uma vantagem material nem por razões filantrópicas, mas sim por razões da primeira necessidade.

Com efeito, se não cozinharemos não haverá almoço; se não vão procurar água, ficarão cheios de sede e sujos; se não racharem a lenha não haverá fogo; e arriscam-se a ficar intoxicados se não limparem bem as panelas e não queimarem os detritos. Eis, pois, bons motivos para trabalhar e, se houver braços bastantes para fazer o que é preciso, as tarefas serão depressa despachadas e os

divertimentos não faltarão.

Ora, esse género de vida, é precisamente o que Deus tinha querido para o homem. Se os rapazes verificam que isso se pode verdadeiramente realizar, talvez sejam salvos um dia desse perigo terrível que representa o pessimismo; agarrarão pelos cabelos a oportunidade de salvação que lhes é oferecida e virão a pôr em prática aquilo que, inconscientemente, aprenderam no campo. E já dissemos bastante sobre o trabalho. Passaremos, agora, à questão dos divertimentos.

Como é que a gente se diverte no campo? Divertimo-nos com tudo!

O trabalho é um prazer porque é moderado, porque se faz de boa vontade e por uma boa causa, quer dizer, para prestar serviço aos irmãos do Grupo ou da Alcateia. As refeições dão prazer porque se tem sempre fome, uma vez que se leva uma vida sadia. O sono dá prazer, porque se está, exactamente, bastante fatigado para dormir bem.

Encontra-se cada um a bem conviver com os outros Lobitos, porque são bons compinchas e nunca se fizeram em conjunto senão coisas boas.

Enfim — e acima de tudo — o campo proporciona um grande prazer, porque representa a liberdade, e o meio de escapar à rotina e à vida convencional de todos os dias.

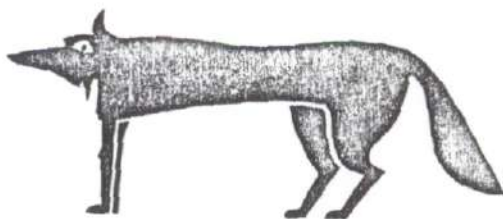
Estas observações aplicam-se aos Lobitos melhor do que a ninguém. Os rapazinhos, com efeito, são uns individualistas por excelência, que aspiram à felicidade de serem eles próprios em plena liberdade. Talvez nunca se sintam tão felizes como quando os largamos no campo, numa praia, no meio dos bosques e os deixamos durante um certo tempo divertir-se à sua vontade sem organização nem regulamento. Alguns preceitam-se para o terreno do cricket. Outros fabricam arcos e flechas e jogam aos peles vermelhas. Um jovem solitário passeia-se todo o dia a distância procurando «ninhos de vespas». Um outro senta-se perto do fogo da cozinha e absorto a contemplar uma espiral de fumo propícia à meditação, cuida de manter a chama acesa.

Há outros que sobem às árvores ou então borrifam-se mutuamente com a água dum charco. Aqueloutro, enfim, deitado na relva, lê com a cabeça entre as mãos.

Estão todos felizes, maravilhosamente felizes. A natureza mostra-lhes o que é preciso fazer.

Durante todo o resto do ano sofrerão o constrangimento que lhes impõe a escola, a rua, uma casa superlotada onde não tem praticamente mais do que escolher entre duas alternativas: ou deixarem-se aniquilar sob a tirania das pessoas crescidas, ou fazerem mil e uma tolices.

Dembs-lhes, pois, a alegria de serem bons e felizes durante as férias, e de se divertirem com os brinquedos que Deus preparou para o homem, muito antes de a civilização ter inventado o cinema e todas as outras maneiras de matar o tempo.



CAPÍTULO IV

Coração fôrte e língua cortês

«Coração forte e língua cortês conduzir-te-ão longe no caminho da Selva, pequeno!» — disse Cá

(O Livro da Selva, R. Kipling)

Aqui estão duas coisas que é preciso desenvolver nos nossos Lobitos tarefa que será tanto mais difícil, quanto é certo que o terreno é excelente. Como a Báguirá do «Livro da Selva» também eu viajei muito, ao longo e ao largo na floresta virgem, e a verdade é que recebi sempre o melhor acolhimento da parte dos Chefes e das minhas irmãs Chefes de Alcateia. Mas fiquei sobretudo impressionada com a gentileza de muitos Lobitos ao receberem um velho Lobo estrangeiro; têm uma cortesia natural e franca que é um atributo exclusivo da sua idade. Um dia em que o meu «terreno de caça» ficava numa parte da Selva que me era completamente desconhecida, fui levada no automóvel de um chefe regional que me deixou à porta de uma grande exposição escuta. O átrio estava repleto de uma grande multidão circulando ao longo dos «stands». A exposição deveria durar vários dias e era um Lobito que estava encarregado de a abrir nessa tarde. Como eu não conhecia ninguém o Chefe apresentou-me ao Lobito pedindo-lhe que me acompanhasse para visitar toda a exposição. Era um pequeno guia todo despachado e o Lobito mais bem preparado que já encontrei; mas sobretudo, ó maravilha!, ele nem sequer se dava conta de todos esses atributos. Sorriu-me, estendeu-me primeiro a mão e conduziu-me de mostrador em mostrador, deslizando por entre a multidão, para me abrir passagem e explicando-me o que sabia

acerca dos diversos objectos expostos e, durante todo o tempo, teve sempre o cuidado de não me deixar desamparada, com medo de me perder antes de me voltar a entregar, sã e salva, nas mãos do Chefe.

Nunca vi tanto «savoir faire» misturado com tanta simplicidade, modéstia e cortesia natural. (Soube mais tarde que, se a língua era cortês, o coração era forte também: com efeito, algumas semanas antes, tinha arriscado a vida para salvar um dos seus camaradas, que se afogava num pântano)

Não cinto aqui senão uma recordação isolada no meio de muitas outras.

A razão desta atitude é, talvez, fácil de explicar: os rapazinhos que são Lobitos têm o hábito de lidar com as pessoas crescidas num certo pé de igualdade, pois as Chefes são, para eles, irmãos e irmãs mais velhos. Não nos receiam, certos como estão da nossa simpatia, do nosso interesse, da nossa aprovação; têm, por isso, as boas maneiras naturais nas crianças, que o medo não torna selvagens nem más, nem ainda imprudentes e provocantes como o rufia que se encontra nas ruas, em guerra contra as pessoas crescidas em geral. Também os rapazes que passaram pelo Lobitismo se comportam natural e amigavelmente tanto com as outras pessoas como com o seu Chefe, uma vez que estão certos de estar na presença de um amigo e não de um inimigo. A educação que receberam fez desaparecer a barreira de reserva que separa a criança das pessoas crescidas.

O espírito de cortesia que devemos procurar fazer nascer nos nossos Lobitos está longe de ser uma qualidade suplementar, como já se disse. Todos os nossos esforços serão feitos no sentido de a fazer desenvolver, a fim de que o rapazinho ultrapasse esse período de adolescência em que aparece a timidez, a contradição, a consciência exagerada do «eu» e se possa transformar num rapaz que mantenha a sua forma natural e franca.

Perguntar-me-eis, talvez, como se pode chegar a este resultado. Não há para casos destes uma regra única e devem ser consideradas uma série de circunstâncias. No entanto podem ser úteis algumas observações de ordem geral.

Primeiro que tudo é preciso que a Alcateia não seja demasiado numerosa. Não se podem desenvolver as boas maneiras de um rapaz no meio de uma balburdia. Em seguida há que se ocupar de cada Lobito em particular e conquistar a sua amizade. Levai-os em grupos de dois ou três quando saídes, ou convidai-os para ir a vossa casa.

Conheço uma Chefe de Alcateia que adoptou com sucesso o seguinte sistema: sempre que fazia uma expedição com os seus Lobitos tomava um deles responsável pelo grupo, encarregava-o

de tirar os bilhetes, pedir as informações, pagar os refrescos, para que aprendesse a fazer este género de tarefas com gentileza.

A estadia no acampamento pode também contribuir para isso. Mesmo tomando a vossa refeição sentados no solo, mesmo misturando na mesma tigela carne e bolo, podeis comer com asseio, com elegância, ou então de uma forma grosseira e encontrareis no acampamento mil outras ocasiões de contribuir para a educação dos vossos Lobitos.

Enfim, — e não é coisa menos importante — podeis com o vosso próprio exemplo ensinar os vossos Lobitos a ter «língua cortês». Eles acompanham-vos de muito perto, tomam-vos como ponto de referência e até os mais pequenos detalhes lhes fazem uma grande impressão. O verdadeiro escuta é partidário da igualdade (pelo menos nas suas convicções, porque não faço alusões à política). Fala da mesma maneira a um duque ou a um varredor. As diferenças de classes não exercem nenhuma influência na maneira de tratar com o próximo. Pela maneira como falamos com os nossos Lobitos ensinamo-los a falar com os outros. Se lhes pedimos que sejam corteses para connosco e para com os outros, sejamos em primeiro lugar corteses com eles.

A criança malcriada, que é grosseira para com as pessoas crescidas repete a lição que lhe ensinaram.

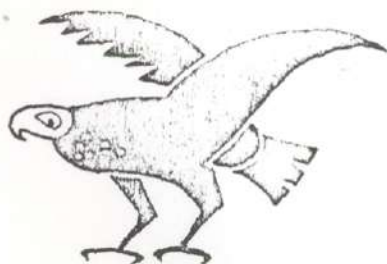
Um dos meus amigos que se encontrava, um dia, na antecâmara de um apartamento em Londres, ouviu, sem querer, os ecos de uma discussão entre um rapazinho malcriado e uma mãe irritável. Dizia esta: — Donald, quando é que deixarás de me falar com tanta falta de educação?» e a criança respondia: — «Quando a mãe também deixar de fazer assim».

Não aprovo a resposta de Donald, mas acho que a mãe recebeu uma boa lição. Lembremo-nos de que a boa educação na criança não deve ser considerada como uma espécie de verniz exterior, como um sinal de respeitabilidade. «É um assunto de coração», dizia a velha Cá.

E eis uma anedota que vos contará a generosidade e a cortesia de um Lobito de Birmingham. Tinha eu visitado a sua Alcateia e, trocadas as últimas saudações, afastei-me sózinha no meio da obscuridade, quando ouvi atrás de mim uma vozinha que me chamava pelo meu nome. Voltando-me dei com um Lobito (ao qual não tinha dirigido a palavra em especial e que não me tinha chamado a atenção durante a minha visita): corria atrás de mim estendendo qualquer coisa: — «É o meu último bocado, segredou-me ele ofegante, mas ofereço-lho!»

Passou-me qualquer coisa para a mão e desapareceu nas trevas.

Olhei: era um pedaço de nógado!



CAPÍTULO V

Os Castigos na Selva

«Baguirá deu a Máugli meia dúzia de sapatadas, de mimo para uma pantera (mal chegariam para acordar um dos seus miúdos), mas para um rapazinho de sete anos constituiu uma sova tão rija quanto se desejaria evitar. Depois de ela terminar, Máugli espirrou e endireitou-se sem dizer palavra. «Agora — disse Baguirá — salta-me para o lombo, irmãozinho, e vamos para casa».
Uma das belezas da Lei da Selva é que o castigo liquida todas as contas. E não há mais alterações».

(O Livro da Selva, R. Kipling)

Não há castigo na selva senão quando há uma necessidade real. Se o Chefe se resolve a castigar, não é para dar livre curso ao seu mau humor; sem perder a calma, nem a boa disposição, decide que um castigo se impõe, porque evitará a recáida na mesma falta. Esta lei característica da Selva também se aplica com proveito para o Lobito; é verdadeira teoricamente, pois as nossas ideias de disciplinas são do senso comum. Sabemos que é inútil castigar um Lobito que não emprega a melhor vontade para ganhar as estrelas, porque não existe nenhuma relação entre o trabalho e o castigo como parece que se acredita em todas as escolas do mundo.

O verdadeiro castigo que resulta automaticamente da negligência do Lobito é que ele fica meses e meses sem estrelas e acaba por perceber que, na opinião da Alcateia, ele não passa de um

«lesma» e de um «mandrião».

Não repreendemos com a mesma severidade todos os rapazinhos que chegam tarde, pois sabemos que alguns vivem longe, outros almoçam a horas irregulares, por causa de uma mãe negligente, que alguns têm de fazer serviços, guardar crianças mais novas, eu sei lá?...

Nunca os castigamos, claro, mas se o fizéssemos, teríamos o cuidado de não aplicar o mesmo castigo a todos os retardatários. É certo que a nossa selva é uma instituição completamente nova, sem nenhuma tradição antiga e malfazeja, sem nenhuma rotina vazia de sentido. O seu método nasceu rapidamente de alguns princípios de senso comum e sobretudo do facto de nós procurarmos compreender a alma do rapaz e ver as coisas como ele próprio vê.

Também os nossos castigos são tão raros como razoáveis e a punição, à semelhança da que Báguirá aplicou, nem se fala nela.

Já disse que a Lei da Selva era verdadeira teoricamente, Também o é na prática. A maior parte das nossas Alcateias são famílias dirigidas não por um «graduado», mas por um Velho Lobo, muito alegre e paciente, que os irmãozinhos amam ternamente. Este facto é mesmo a nosso favor, porque nós chegamos à tarde ao covil, onde esperam os nossos Lobitos, levando já aos ombros o peso de todo um dia de trabalho, enquanto que Báguirá e Balú iam encontrar-se com Máugli no orvalho da manhã.

De mais a mais, a nossa condição de seres humanos conferem-nos um certo nervosismo que não tinham Báguirá nem Balú, nem Pai Lobo nem Mãe Loba. Nós temos uma vez por outra arrelias, más disposições, preferências e antipatias. O nosso instinto, no que diz respeito às coisas da Selva não é infalível do mesmo modo que o dos ursos e das panteras adultas e, não sendo psicólogos de profissão, não podemos tirar da nossa experiência conclusões sempre certas.

Para mais falta-nos muitas vezes dados sobre as condições familiares de cada um dos nossos Lobitos, o que nos impede de compreender a nossa Alcateia como seria necessário e de nos mostrarmos sempre justos para cada Lobito.

Como nos havemos de admirar, então, se nos afastamos por vezes de um ideal da Selva?

Mas fora os métodos de disciplina propriamente ditos, há maneiras de ser que fazem parte do Ideal da Selva.

Poucas pessoas sabem quanto as crianças são sensíveis à maneira como as pessoas crescidas as tratam. Assim aconteceu com um aspirante que foi conduzido um dia a uma Chefe que falava sempre aos seus Lobitos como uma Chefe deve falar. Este miúdo vinha da Alcateia de S.X...

— Mas, por que é que deixaste S.X...? — perguntaram-lhe.

— Por causa do Chefe, respondeu timidamente o Lobito.

E os companheiros acabaram logo de explicar:

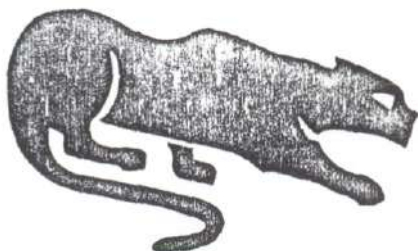
— Ele disse que o Chefe os repreende a toda a hora.

Uma outra Chefe servia-se de um apito que dava um som agudíssimo; tudo corria bem enquanto não perdia a paciência. Mas, desde que se começava a enervar (o que acontecia em cada cinco minutos, logo que a Alcateia começava a ficar barulhenta) dava apitadelas breves e estridentes de furar os tímpanos. E toda a Alcateia ficava excitada. Um dos Lobitos costumava tapar as orelhas cada vez que o apito soava; quanto aos outros, acabavam por se habituar e foram aproveitando para fazer paródia.

Vamos ainda ao caso de um rapaz que fica sempre mal visto — e com razão — nas inspecções e nas alturas em que é necessário estar sossegado. A Chefe acaba por tê-lo debaixo de olho e fala-lhe severamente mesmo antes de ele fazer alguma tolice. O resultado é fácil de prever: sentindo-se sempre «na berlinda» o Lobito passa a merecer sempre a reputação que lhe atribuem. Se a Chefe lhe falasse tão amavelmente como aos Guias «modelo», se ela lhe dirigisse de tempos a tempos um sorriso amável, brincando com ele, ou fazendo-lhe uma gracinha ou dando-lhe um pequeno estímulo, que se dirigiria só ao próprio, ele arranjará maneira, quase sem pensar nisso, de merecer a sua nova reputação.

Ninguém imagina a importância que as crianças atribuem ao sorriso das pessoas crescidas. Não se sentem à vontade com pessoas que só raramente sorriem. Por pouco que o sorriso do Lobito seja a vossa expressão habitual, bastará tomar um ar grave e solene no dia em que os quizerdes repreender e escutar-vos-ão com respeito, enquanto que, se lhe apresentardes um aspecto triste e melancólico, cairá um pesadelo sobre a Alcateia e acabará por invadi-la.

Terminada a repreensão sorri aos vossos Lobitos: eles compreenderão que estão perdoados e que tendes de novo confiança neles.



CAPÍTULO VI

Adeus à Selva

«Então Máugli sentiu dentro de si qualquer coisa que o affligia, como não se lembrava de ter sentido nunca até esse dia; faltou-lhe o ar e soluçou e as lágrimas deslisaram-lhe pela cara.

«— Que é isto?... Que é que eu tenho? — perguntou — Não quero abandonar a Selva, e não sei o que isto é. Vou morrer, Baguirá?

«— Sei agora que és homem e não já um filhote de homem. Doravante a Selva está-te de facto interdita. Deixa-as correr, Máugli. São apenas lágrimas».

(O Livro da Selva, R. Kipling)

Máugli sentou-se e chorou como se o coração se lhe fosse partir. Nunca tinha chorado antes.

— «Agora — disse ele — quero ir para junto dos homens, mas quero primeiro dizer adeus a minha mãe».

E dirigiu-se à caverna, onde ela habitava com Pai Lobo e chorou agarrado ao seu pescoço, enquanto os quatro Lobitos uivavam tristemente.

Há, em toda a vida humana, um ou dois adeus que despedaçam o coração até às fibras mais íntimas, e cada um de nós tem experiência disso. O adeus de um Lobito que deixa a Alcateia para entrar no Grupo é um desses minutos solenes, tão emocionante para o Lobito como para o próprio Chefe... Isto porque não se dá bem conta de toda a luta e de todos os sacrifícios que o Lobitismo traz a um Velho Lobo.

Chegamos a amar verdadeiramente estes rapazinhos, sobretudo nós que lidamos com eles frequentemente, que os reunimos mais vezes por semana, que acampamos com eles, e que os vemos entrar em nossa casa e sair de lá dez vezes ao dia.

E, precisamente no momento em que eles correspondem àquilo que deles pedimos, no momento em que chegamos ao fim do nosso esforço, são-nos levados. Sem dúvida que nos consolamos com aqueles que ficam, mas também estes chegarão aos seus 12 anos e haverá, de novo um choque.

Já vi mais de um Lobito com lágrimas a bailar nas pestanas, durante o último serão no covil.

Lembro-me sobretudo de um guia de Alcateia, de que todos gostavam... Eu tinha começado a dirigir à Alcateia um pequeno discurso durante o qual ia indicar como deviam soltar o último «grande uivo» em honra do Chefe; esse grito seria o adeus cordial da Alcateia, um grande «obrigado» para aquele que os tinha dirigido tão bem, e a promessa comovida de nunca o esquecer, etc., etc...; de repente uma olhadela que lancei ao meu Guia de Alcateia deixou-me perceber que a minha pequena arenga iria um pouco além daquilo que ele poderia suportar. Mudei imediatamente de tática e, passando ao gracejo:

— Vamos ver, disse eu, se continuas a saber uivar com força; mas vê lá, tem cuidado, não rebentes, pois bem sabes que te esperam no Grupo.

A Alcateia, naturalmente, uivou com toda a alma (nem tinha necessidade do meu encorajamento para isso) e o pequeno Guia de Alcateia aproveitou o ensejo para dar livre curso à sua emoção! Também o aperto de garganta que sentia desapareceu completamente quando ecoou o último «Melhor»!...

Sem dúvida um rapaz de 9 anos teria gostado, ao deixar a Alcateia, que lhe dedicassem um programa em que ele fosse o centro das atenções, e teria desejado que a sua partida fosse considerada pela Alcateia como um grande acontecimento, mas um Lobito de 12 anos pensa de outra maneira.

Lembrai-vos das lágrimas que vieram aos olhos de Máugli e que o surpreenderam tanto. Brotaram, essas lágrimas misteriosas, no momento em que Máugli acabava de ultrapassar a idade de Lobito.

Quando vimos que um Lobito tem realmente pena de deixar a Alcateia, recordemos que nesta idade desperta nele a faculdade emotiva e se desenvolve a sensibilidade de alma. Para mais o adeus à Alcateia é talvez a primeira experiência que ele tem dessas coisas; então, embora esta cerimónia se deva fazer com solenidade, talvez seja melhor gracejar um pouco, à semelhança dos Tommies que enfrentaram situações destas parodiando o

adeus, a gracejar e a cantar. Esta maneira de reagir é tipicamente inglesa. Um bocado de heroísmo ajuda o Francês e, quanto ao Italiano, encontra reconforto não só nas próprias lágrimas, mas também em todas as que se derramam à sua volta. Para um Inglês é um pouco superior às suas forças, e é preciso tomarmo-nos uns aos outros, tal como somos. Evitemos, pois, tomar esta cerimónia demasiado tocante e jogar com a sensibilidade dos nossos Lobitos. Bastaria que um estrangeiro se permitisse um gracejo ou um sorriso durante o grande Uivo, para que o Lobito, já tão emocionado, se sentisse cruelmente ofendido.

A minha opinião pessoal, é de que este último serão se deve passar alegremente e em família, sem que lá se admita nenhuma personagem importante.

Multiplicai as cerimónias tanto quanto quiserdes, na entrada do Escuta para o Grupo, com a condição, naturalmente, de não o assustardes e desde que os vossos Escutas gostem de cerimónias, pois há os que não sabem manter-se devidamente e se um deles risse ou fizesse cena, isso chocaria singularmente o ex-Lobito, habituado como está ao Círculo de Parada, ao Grande Uivo, e a todos os ritos do Lobitismo.

Tudo o que digo atrás aplica-se unicamente ao Lobito que tem pena de deixar a Alcateia. Há Lobitos que não estão para isso e que ficam radiantes de passar ao Grupo, e outros que, sem gosto nem vontade, vão ao sabor da corrente.

Para estes últimos uma cerimónia um pouco solene pode produzir efeito benéfico.

Terminamos por dizer que tudo depende do caso que se apresenta, do espírito que reina na Alcateia e no Grupo, e que, se é idêntico, pode justificar a preparação de uma cerimónia combinada. O Regulamento, graças a Deus, não se pronuncia àcerca deste pormenor e cada um pode agir como achar melhor. A única coisa que importa é escolher a maneira de dar ao Lobito o impulso mais feliz que lhe faça tomar gosto pela sua nova vida.

Estas reflexões conduzem-me a um assunto que não devemos fingir ignorar e que mais vale abordar francamente.

Porque é que um certo número de Lobitos não entra no Escutismo, ou então, porque é que, uma vez escuteiros, não continuam?

Sem querer procurar todas as causas deste facto seja-me permitido indicar uma das mais importantes. O rapaz que passa de Lobito a Escuta, encontra-se numa idade de transição em que a sensibilidade se desenvolve e carece de cuidados especiais.

Não é um aspirante vulgar: os conhecimentos de sinalização e de primeiros socorros não fazem dele ainda um Escuta e, no entanto, já não é um Lobito. Se a Chefe e o Chefe de Grupo querem tirar partido da sua natureza é preciso que aliem a imagi-

nação à simpatia e que o tratem com bastante tacto e paciência. Façamos primeiro da Chefe.

Talvez aconteça que o rapaz que ela entrega ao Chefe de Grupo seja um maravilhoso Guia. Pronto a seguir as ideias e a tirar partido delas melhor do que o faz, em geral, um rapaz da sua idade, ele conduziu verdadeiramente os seus Lobitos e, no Conselho de Guias, como nas conversas particulares com a Chefe o seu ponto de vista era considerado. De mais a mais ele tinha espírito, coragem, vivacidade, um interesse palpitante pelas coisas de que se ocupava e nunca se escutava a si próprio. Tinha a manga ornada com várias insígnias: tinha obtido a de nadador, de atleta, de sinaleiro, de observador e de primeiros socorros. Nunca faltou a um acampamento; jogava com entusiasmo nos desafios e em todas as reuniões de Alcateia se encontrava presente. Também a Chefe de Alcateia não tem grande inquietação vendo-o passar ao Grupo. Pode-se contar que ele seja um bom Escuta como foi bom Lobito. Lamenta vê-lo partir, mas é para seu bem. A Alcateia dirige-lhe uma despedida calorosa e ele parte, enquanto a Chefe vai tratar de resolver o problema de fazer prosseguir a Alcateia sem ele, e de a manter no seu anterior nível de entusiasmo e de disciplina.

Escolhe o novo Guia dos Castanhos e faz tomar ao Guia dos Cinzentos o lugar do que acaba de partir.

Todas estas questões a absorvem e a preocupam; é o seu dever e conta que o Chefe de Grupo cumprirá o seu; e, no entanto, não chegou a compreender nada.

Era um engraçado homenzito de 6 ou mais anos quando entrou na Alcateia. Não vinha para poder falar das suas ideias; ia simplesmente para jogar. Mas, aos 10 anos, as coisas tornam-se mais difíceis. Tinha 10 anos quando ficava todo empertigado ao receber as primeiras insígnias; 6 meses mais tarde assumia de ânimo leve as suas responsabilidades de Guia de Bando. Agora tem 11 anos, e é muito mais complicado.

A consciência da sua personalidade desperta nele confusamente e torna-o tímido; uma sensibilidade, desconhecida até então, oprime-o e faz-lhe perder o «à vontade», enquanto que o conhecimento mais profundo das coisas lhe faz perder a segurança. Sente o peso das suas responsabilidades, e um pudor novo fá-lo esconder os desejos mais caros, os seus temores mais vivos, os seus desapontamentos, as suas dúvidas e todas as questões que o preocupam. A ideia de acabar para a sua antiga vida de Lobito e de ressuscitar como Escuta parece-lhe uma aventura extraordinária, como disse Peter Pan. A mãe não compreende. Para ela a mudança consiste em trocar uma camisa por outra diferente e comprar um chapéu Escuta. A Chefe, essa compreenderia bem, mas a

criança não encontra nada para lhe dizer, de tempos a tempos senão: — «Quem me dera não ter 11 anos!»

E é assim que ele deixa a Alcateia, sem ter conversado, como poderia ter feito, com a pessoa que o intimida menos e em quem ele tem mais confiança; sem os conselhos e as provas de simpatia de que necessita inconscientemente, sem que lhe tenham feito conhecer e apreciar o seu futuro Chefe de Grupo, sem nada saber do Grupo para onde vai entrar, dentro em breve, sem nenhum socorro da parte da Chefe, uma vez que esta nunca imaginou que o seu guia fosse agora diferente de um Lobito.

Assim o Lobitismo, essa coisa sagrada que tinha tanto lugar na sua vida, ao fim de 4 anos termina em catástrofe. E o que o aflige mais, talvez, é que a Alcateia se aguenta perfeitamente sem ele. O novo Guia de Bando e o novo Guia de Alcateia são agora pessoas importantes a quem a Chefe dedica todos os seus cuidados. Ele não se atreve a voltar às reuniões sem ser convidado. Os Lobitos e a Chefe fazem-lhe uma falta terrível, mas ele não se sente com nenhum direito aos seus conselhos: ela está muitíssimo ocupada: não irá incomodá-la.

Assim, sem o saber, ele perdeu um apoio poderoso da sua vida moral; a corrente que produzia nele a força motriz foi cortada e nada a substituiu ainda. Vai ele conseguir sair-se bem disto?

Isso depende do Chefe de Grupo, uma vez que a Chefe o deixou ir um pouco abaixo.

Mas aqui está! O Chefe é um bom rapaz, sem dúvida alguma. O que acontece é que não está habituado a receber antigos Lobitos e não sabe que estes são muito diferentes dos seus aspirantes habituais. Esqueceu-se de dizer ao ex-Lobito para vir com a sua farda o que lhe teria refrescado a memória e conta com o arrebatamento habitual dos aspirantes que «descobrem» o escutismo e que ficam entusiasmados sucessivamente com a farda Escuta, os jogos e os hábitos Escutas, e a maneira como o Chefe lhes fala, tão diferente da dos pais, dos professores e dos patrões. Esquece-se que todas estas coisas não são estímulos para o Lobito, pois muitos destes jogos lhe são familiares e não nota os olhos atentos e inquiridores que o observam, que observam os Guias de Patrulha e tudo o que se faz no Grupo; não dá conta que há lá um rapazinho com ideal muito alto, que está a julgar o Grupo, o espírito de disciplina e de autodomínio que ali reina, a justiça, a energia e a alegria que cada um ali traz, comparando-as a este ideal.

De mais a mais o Chefe de Grupo encarregou um Guia de Patrulha de explicar e ensinar a Lei Escuta ao aspirante sem pensar um só instante que este aspirante, tendo sido um excelente Lobito, vê na Lei do Escuta coisas de tal maneira nobres e belas, bem diferentes das que vê o próprio Guia de Patrulha, e o novato

que desejaria compreender melhor certos pormenores sobre por não receber as explicações que deseja. Enfim, o Chefe de Grupo fá-lo esperar muito tempo antes de o admitir à Promessa porque os outros rapazes são muito difíceis de «desbastar» e esquece que este, não sendo já Lobito e não se tornando ainda Escuta, se sente infeliz como um peixe fora de água.

Por outro lado, ele é, por vezes, muito exigente, para com o novato e repreende-o severamente porque faz contusão, «ele que, tendo sido Lobito, devia dar o exemplo», esquecendo que um rapaz que conhece já a história das bandeiras e da Union Jack (!), os nós, a orientação e eu sei lá que mais, não pode estar interessado no ensino monótono e incolor de matérias que aprendeu de uma maneira infinitamente mais viva. Considere-se ainda que um Guia que se encontrava frequentemente a contas com a responsabilidade dos outros, sente que agora ninguém mais depende dele, que o seu exemplo já não conta, é preciso notar — digo eu — que experimenta, inconscientemente talvez, uma reacção violenta.

A tensão da sua vontade distende-se e se se lhe não presta socorro imediato, está em grande risco de se perder.

Eis a história do nosso maravilhoso pequeno Guia tomado um aspirante Escuta preguiçoso e medíocre depois de estar entregue a si próprio. Talvez acabe mesmo por sair da grande fraternidade de Escuta.

Acontece que o choque poderia ser diminuído até certo ponto com um esforço de maior amparo prestado com inteligência pela Chefe e pelo Chefe de Grupo. Poderia sê-lo ainda por um sacrifício muito real que a Chefe se impusesse, e do qual nem o Chefe do Grupo, nem a Mãe do Lobito dariam conta (na altura), vindo a compreendê-lo, talvez, mais tarde.

Quero dizer que, se deixássemos os nossos Lobitos abandonar a Alcateia com 11 anos, em vez de 12, eles tomariam mais facilmente gosto pelo Grupo, impregnar-se-iam do seu espírito e restar-lhe-iam fieis. Eis as razões: o rapaz de 11 anos é mais fácil de levar; o moral e o físico estão, nesta idade, mais assentes que aos 12 anos; está no apogeu do seu entusiasmo, e não se cansou ainda de nenhum dos prazeres e de nenhuma das ocupações da Alcateia. Ele tem tanto orgulho de ser Lobito que transferirá todo o seu entusiasmo para o grupo. Enfim, fará com bastante facilidade o sacrifício das suas insígnias de Guia e da sua autoridade, porque tem, menos vincado que aos 12 anos, o sentido da sua dignidade.

Estabelecemos como regra que é necessário interromper um

(¹) Referência ao programa inglês.

jogo no momento em que se joga com mais entusiasmo se queremos recomencá-lo no dia seguinte com o mesmo sucesso. A regra é a mesma para o «Jogo de Lobitos e Escutas».

É claro que a pobre da Chefe terá de se resignar a perder os seus melhores Lobitos, aqueles em quem podia confiar mais. E quanto aos «ralis», concursos, etc., será necessário, naturalmente, renunciar a eles.

Mas a Chefe pensará no bem individual dos seus Lobitos. E não sei mesmo se a própria Alcateia não tirará proveito disso. Uma Alcateia composta de rapazes dos 9 aos 10 anos, em média, é mais razoável e mais fácil de manejar do que uma Alcateia formada por rapazes mais velhos. A razão é simples: o Lobitismo foi criado para rapazes desta idade e não para os de 11 a 12 anos.

Enfim, a Chefe terá problemas muito menos complicados para receber, porque os rapazes «difíceis» quase sempre já ultrapassaram os 12 anos. Encontra-se geralmente nesta categoria o Guia modelo que se desmanda frequentemente, o rapaz que espalha a indisciplina por todo o lado, o mandrião que arranja maneira de não trabalhar no campo, o mau jogador que discute e amua no futebol, o rapaz que se suspeita que exerça má influência, e aquele que se apresenta irregularmente às reuniões.

No fundo, o rapaz em questão é sobretudo difícil, porque não se encontra no meio que lhe convém. Tem idade demais para o Lobitismo e no entanto é muito crescido para jogar com os mais pequenitos; a influência dum homem ser-lhe-ia mais salutar que a de uma mulher; valerá mais como membro de uma Patrulha do que como Guia de Bando; as observações um pouco bruscas dos mais velhos ser-lhe-ão mais úteis do que as observações amigáveis da Chefe. Enfim, certas questões que esta dificilmente pode abordar ganharão em ser explicadas devidamente e ele encontrará matéria de emulação nos concursos de Patrulhas, etc.

Conheci Lobitos extremamente moles e difíceis que se tornaram bons Escutas e assim permanecem, enquanto que maravilhosos Guias entraram para o mesmo grupo e não perseveraram.

O abaixamento do limite de idade é coisa dura de aceitar para as Chefes, bem o sei, e é mais uma prova do que eu já disse: o seu trabalho é bastante mais duro e exige bastante mais espírito de sacrifício que o do Chefe do Grupo.

Que importa! Novos bebés-Lobitos são trazidos cada dia ao Círculo do Conselho, e as mãozinhas estendem-se para nós. O nosso privilégio consiste em ajudá-los a abrir os olhos e a ver o mundo na verdadeira perspectiva.

Procuremos mostrar-lho duma maneira digna do seu olhar inocente e receptivo. Temos uma oportunidade única de lhes despertar a inteligência, de lhes ensinar o que os mais velhos que os

acompanharem não lhes poderão fazer esquecer. Preparemo-los para que mais tarde venham a compreender.

Lembraí-vos de que logo que Máugli deixou a Selva se lançou a Xer Cane e o matou. Ora Xer Cane representa tudo o que a nossa natureza encerra de inferior, desprezível, vergonhoso e egoísta. Mas sem as pacientes lições de Pai Lobo e de Mãe Loba, de Aquelá, de Báguirá e de Balú, jamais Máugli teria matado Xer Cane.

.....
«Regressa em Breve» — disse Mãe Loba...

«Voltarei certamente», disse Máugli «e quando voltar, será para estender a pele de Xer Cane sobre a Rocha do Conselho. Não me esqueçais. Dizei à Selva que não me esqueça!»

A aurora começava a despontar quando Máugli desceu a colina, sozinho, ao encontro desses seres misteriosos que se chamam homens.

TERCEIRA PARTE

I

A PSICOLOGIA DO LOBITISMO

A psicologia não é uma ciência tão difícil como pretendem fazer crer. Sem dúvida que, sábios importantes, entusiasmados no seu orgulho, se deram ao trabalho de a complicar, mas se quisermos reflectir bem sobre o assunto, chegaremos à conclusão de que não é mais que a aplicação do senso comum ao estudo das acções e reacções de espírito. Ajuda-nos a compreender por que é que os acontecimentos nos afectam desta ou daquela maneira, e este conhecimento impede o nosso juízo de seguir cegamente a rotina, a moda ou mesmo a lei. Todo o bom Chefe de Alcateia, toda a boa Chefe é um pouco psicólogo.

No entanto, a psicologia do Lobitismo tem em vista um fim essencialmente prático. O nosso fim não é dedicar-nos a estudos árduos, nem trabalhos nos laboratórios. Não nos dedicamos a forjar palavras novas, nem a investigar por que é que as crianças anormais são anormais; mas, de mangas arregaçadas, juntamos os rapazes perfeitamente normais e tanto nos sentamos no chão para jogar com eles, como corremos juntos pelos campos e bosques. Trabalhamos com os nossos Lobitos, jogamos com eles, ouvimo-los e, assim, acabamos por descobrir o que lhes faz bem, e também o que pode prejudicá-los.

À força de os observar, à força de reflectir, faz-se luz e encontra-se a razão do continuo mau-humor de Willie, e o do êxito de Dick como Chefe de bando; descobre-se por que é que Harry é popular e por que é que o Alec não o é; por que é que Tim não é

capaz de reter coisa nenhuma, enquanto Jack ganha as suas estrelas a brincar, e tem os seus examinadores de insígnias sempre em actividade. Observar com atenção, mostrar admiração quando for altura, reflectir, encontrar a solução e, enfim, aplicar a ciência adquirida, aplicá-la, digo eu, durante anos sucessivos, as Alcateias de Lobitos que se sucedem, e que são tratados de modo diferente, sem o cuidado de regras pré-concebidas, é isso a psicologia.

A BOA ACÇÃO

Tudo, no método do Lobistismo, como no do Escutismo, responde a uma necessidade psicológica.

Queríamos poder dizer outro tanto — valha-nos Deus — do regime das escolas e dos asilos, do das casernas e das prisões!...

Não é mau que, de tempos a tempos, se ponham em causa os princípios que orientam os nossos actos, e esse exame faz-nos apreciar em todos os promenores o belo e grande jogo do Escutismo. Ele aviva também em nós a inteligência da escolha, ensinando-nos a dar às coisas o verdadeiro valor e a pôr em primeiro lugar todas as que devem dar resultados úteis e duradouros, sem nos preocuparmos demasiado com os outros, mesmo quando a opinião os tenha por essenciais.

Quanto mais penso no assunto, mais me parece que o Escutismo deve o seu sucesso ao facto de dar importância aos bons elementos que há na natureza do rapaz, e à coordenação metódica desses bons elementos, apresentados ao rapaz como tais. Este dá-lhe o livre assentimento da sua vontade e esforça-se por viver em harmonia com ela.

Não devemos, pois, partir de este «a priori» que os rapazes são sujeitos, barulhentos, gostam de fazer maldades, são insolentes, indisciplinados, crueis; que é preciso dar-lhes conselhos de perfeição que não lhes dizem respeito e levá-los a cumprir, fazendo luzir aos seus olhos um castigo ou uma recompensa. Esse é o velho método anti-psicológico, que fracassou há vários séculos já.

Atendamos por exemplo à ideia da B.A.. Essa ideia existe e existiu sempre nos rapazes, porque foram sempre cheios de energia, de generosidade, de espírito de iniciativa e de amizade cheia de alegria para com os seus semelhantes, qualidades que, passando da potência à acção, se tornam B.A. quando se apresenta a ocasião.

Mas dantes muitos rapazes faziam a sua B.A., mesmo inconscientemente, e muitas vezes, valha a verdade dizê-lo, o seu zelo era arrefecido com tais «baldes de água fria» que o seu desejo de

bem fazer tomava a direcção oposta, porque um rapaz bem dotado deve necessariamente fazer alguma coisa.

É preciso acrescentar que aqueles que faziam B.A. não tiravam dela tanto partido quanto podiam. Inconscientes do acto que praticavam, não o erigiam em princípio, de tal maneira que não passava a ser um hábito e não se identificava com a sua natureza. E depois, à medida que cresciam e que a consciência do eu acordava neles, a sua tendência generosa para a B.A. desvanecia-se e dava lugar à moleza. E é que não havia dali em diante mais nada neles que pudesse combater o egoísmo inato do adolescente.

No Escutismo e, antes ainda, no Lobitismo, a atenção do rapaz é atraída pela tendência que tem naturalmente para fazer B.A. e este pensamento, em geral, nunca mais o deixará.

Quando vejo jogar os meus rapazes, vejo-os frequentemente praticar a sua B.A. de modo deliberado, como um artigo da lei, mas também muitas vezes a fazem inconscientemente; praticam subitamente um acto generoso, um sacrifício, sem terem pensado antes: — esta será a B.A. para hoje. E foi esta experiência que me ensinou que o Chefe tinha descoberto a aptidão para a B.A. no rapaz, antes de a ter estabelecido.

Eis a descrição da melhor B.A. (inconsciente) de que fui testemunha. Asseguro-vos que foi feita bem inconscientemente.

Tínhamos esperado com impaciência febril a vinda do domingo famoso em que devíamos jogar futebol contra os «Hampsteads». Indo ter com a equipa encontrei-a em grande algazarra. E havia razão para isso. Pip, esse rei dos golos que não deixava entrar um golo (ou quase nunca) tinha os pés completamente paralisados por um par de botas novas e duras, e tinha declarado que nada poderia fazê-lo jogar. Se eu tivesse empregado os grandes meios, talvez ele tivesse obedecido, mas a equipa nada teria beneficiado da sua presença, porque todos sabem que uma falta de confiança, o mau humor, o aborrecimento, numa palavra, não desaparecem sob uma simples palavra de comando e que um guarda-redes que se declara «preso» pelo calçado está na realidade preso. Foi então que o nosso avançado centro se sacrificou de repente. — «Vamos, gritou ele, vem trocar comigo», e tirando os seus velhos, largos e confortáveis sapatos, pô-los no caminho, diante do lacrimajante Pip. Os outros jogadores puseram-se logo e muito alegremente a tirar ao guarda-redes as suas botas novas, que dilaceraram com o mesmo ardor os pés do avançado centro que as suportou heroicamente até ao fim do dia. A equipa tinha esquecido completamente o sacrifício e era o «goal» que se pavoneava no meio do entusiasmo geral. Ao voltarmos para casa, depois de ter ganho o jogo, aproximei-me do avançado centro: — «Magoaram-te muito?» — perguntei-lhe. — «Mesmo nada», respondeu ele. E foi tudo.

A FARDA

A psicologia da *farda* é muito interessante. Vem dos tempos antigos em que cada *ocupação*, cada ofício tinha o seu uniforme. Nessas épocas as pessoas mostravam-se orgulhosas da sua profissão. Não a exerciam como quem procura ganhar rapidamente muito dinheiro para se retirar o mais cedo possível, elevar-se na sociedade, e *medir de cima* abaixo os infelizes que não podiam ainda ascender à dignidade dos que gozam dos rendimentos. Ah! Eram bons tempos esses; talvez um pouco mais de ferro e sangue, mas não existia o snobismo. Não avanço, pedindo ao leitor desculpa para este longo parênteses. O facto de usar um uniforme especial ajudava as pessoas que o usavam a viver à altura do seu ideal, ideal da sua profissão ou do seu estado, a parecer o que eram, a fazerem tudo da melhor maneira — não para tirarem proveito disso, mas por uma espécie de orgulho profissional. A *farda* agia sobre eles — emprego a *gíria* moderna — à maneira de uma auto-sugestão. Pois bem! É isso que faz a *farda* do Escuta, a do Lobito e, se tendes noção do alcance desta verdade, podeis ajudar os vossos Lobitos a tirar partido deste facto.

Mas as *fardas* oficiais, chamo assim ao uniforme do Escuta, a do B.L.B., a do Cadete, não são as únicas. Que pensar do equipamento do jogador de futebol? Já reparastes em qualquer coisa como isto: Passeais no meio de um grupo de rapazes que tagarelam alegremente. De repente, faz-se silêncio enquanto um raio de admiração brilha em todos os olhos. É que os vossos rapazes acabam de se cruzar com um vigoroso rapaz, bem talhado, cujos joelhos nus se apercebem debaixo do sobretudo, e que caminha com vivacidade, com a melhor das bolas debaixo do braço, enquanto que o «*cache-col*» flutuante deixa ver o equipamento listado. Pois bem! O rapaz que passa é para os vossos Lobitos a

incarnação viva de todo um ideal e o pequeno homenzito que caminha a vosso lado não tem senão um desejo neste mundo: tomar-se um jogador de futebol.

Frei eu falar agora dos uniformes de flanela branca? Há no «Te-Deum» um versículo que celebra a «legião vestida de branco dos mártires», mas creio que os rapazes se interessam mais rapidamente pela legião vestida de branco dos jogadores de cricket. Esta comparação ao fim e ao cabo, não tem nada de irreverente.

Os mártires eram pessoas cheias de alegria e jogavam o mais belo dos jogos sob a direcção do melhor dos capitães; eram entusiastas, nada conformistas, jogavam a vida para ganhar a eternidade, defendendo-se das emboscadas que o inimigo não cessava de lhes amar, e que multiplicava sem cessar.

O entusiasmo dos rapazitos pelo cricket e pelo fato branco dos jogadores não é apenas um entusiasmo partidário, qualquer coisa como a alegria de pertencer a uma certa equipe... É uma vocação bem mais profunda. Apercebi-me disso no decorrer de um pequeno incidente que aconteceu, um dia, no campo.

Tínhamos desafiado para um jogo de cricket os Lobitos de um lugar, que não conhecíamos. O grande dia tão esperado, objecto de vivas discussões, chegou enfim... Esperava ver aparecer os meus Lobitos em grande uniforme, cobertos das insígnias do seu posto e das suas especialidades. Enganei-me!... Eles eram naquele dia, não Lobitos mas jogadores de cricket. De manhã, Sam, seu capitão, chamou toda a Alcateia à sua tenda para um assunto solene. Os Lobitos jogavam nesse momento aos índios e perseguiram-se por todos os lados com arcos e flechas. Ele reuniu-os rapidamente, exigiu silêncio e fez um discurso de que não percebi senão o murmúrio. Soube mais tarde que cada Lobito tinha recebido ordem para esvaziar o seu saco, tirar de lá todas as peças de roupa branca que pudessem ter, lavá-las e entregá-las à equipe. Isto demorou bastante tempo, mas Sam tinha metido na cabeça que havia de dirigir uma vez na vida uma equipe de jogadores de cricket vestidos de branco.

Uma hora e meia antes da chegada da outra equipe Sam reuniu de novo os seus rapazes na tenda e vestiu-os. Depois veio junto de mim, com um ar grave e triunfante, e perguntou-me se queria passar revista à equipe. Aceitei e ele fê-los desfilar um a um diante de mim para os colocar em linha de seguida. Cada um deles trazia «pelo menos», uma peça de roupa branca e a equipe dava uma ideia de conjunto branco, em grupo. Lá estavam eles rosados e brilhantes de água e sabão e orgulho. Um espectador fez troça deles pelo gosto daquela «toilette». Mas não, não era isso. Não havia neles nenhuma vaidade pessoal.

A outra equipe chegou em grande uniforme de Lobito, com

braçadeiras, insígnias, estrelas, etc.. Mas os gentis «onze» da minha equipe, no seu branco, um pouco sujo, estavam animados de um ardor incomparável. Como jogaram nesse dia! Nunca pensei que pudessem jogar tão bem. Estavam perfeitamente senhores de si mesmos e demonstravam uma precisão e rapidez de movimentos admiráveis. (Não descrevi, por não conhecer os termos técnicos). Quanto à equipe adversária parecia formada de massudos. No entanto, cada derrota que sofria era assinalada pelo silêncio dos vencedores. Os meus pequenos jogadores tinham decretado que nenhum de nós devia aplaudir a derrota dos adversários «porque os tínhamos convidado e só os trouxas seriam capazes de fazer uma coisa tão desagradável.» Mostraram nessa altura um domínio de si próprios acima de qualquer elogio. Era o cricket.

É necessário dizer que foi só nesse dia que preferiram o uniforme de jogadores de cricket ao do Lobito.

Em todas as outras ocasiões se apresentaram de boinas e de joelhos nus, não por ostentação, mas porque o uniforme representa para eles algo de elevado. E todos os Lobitos, segundo creio, pensam do mesmo modo.

Ensinemos, pois, os nossos Lobitos a respeitar a sua farda, a compreender o seu profundo significado. Não é, por assim dizer, o sinal exterior e visível da graça interior e espiritual que lhes conferiu o Lobitismo, insuflando-lhe no coração o espírito do verdadeiro Lobinho, com uma alminha alegre, decidida a empregar a melhor vontade?

Não esqueçamos: somos homens e não anjos, temos corpos assim como almas, e essas coisas materiais interessam, têm mesmo muita importância.

A LEI DA ALCATEIA

A farda, escrevi eu no capítulo precedente, exerce sobre aquele que a usa uma auto-sugestão contínua. Falo seriamente e não por metáfora, como fazem os jornalistas todos os dias. Penso que o facto de um rapaz «vulgar» ser pouco a pouco invadido e possuído pelo espírito do Lobitismo — creio que esse facto, como dizia — não é sempre devido a um acto formal de vontade. Certos rapazes aproveitam muito pouco dos nossos ensinamentos e palavras e não sabem de modo algum fazer delas uma aplicação ao seu caso pessoal. Há outros, pelo contrário, que bebem as nossas palavras, que produzem sobre eles um efeito surpreendente. Aqueles em quem eu penso neste momento, assemelham-se aos felpudos irmãos de leite de Máugli, cuja consciência mal despertou ainda. E no entanto tornam-se bons Lobitos, apesar de tudo. É que a ideia de ser um deles cativou a sua imaginação e participaram de todo o coração em todos os jogos que fazem parte do Lobitismo.

E como cada pormenor destes jogos foi cuidadosamente escolhido pelo psicólogo nato que é o Chefe Escuta, para produzir sobre eles um efeito especial, essas particularidades transformaram gradualmente o rapaz em Lobito, sem que ele tenha contribuído para isso de outro modo que não fosse o desejo de se tornar um deles e o prazer que encontra nesses jogos.

Disse também que a farda ajuda poderosamente a ser realmente o que se parece. Os meus Lobitos jogaram tão bem o cricket, porque estavam vestidos de branco, e um Lobito realizará melhor o seu ideal, que é fazer tudo da melhor vontade **se veste frequentemente a sua farda.**

Não há necessidade nenhuma de fazer um apelo à razão: é um simples facto psicológico, que uma ideia em que a imaginação se apoiou a fundo, se exteriorize e materialize por um acto. O acto

conduz precisamente a fazer notar ao rapaz o pensamento profundo que o inspirou como indiquei a propósito da B.A.. A melhor maneira de passar da ideia ao acto será sempre realizá-la de uma maneira acessível ao rapaz; levar-se-á a fazer as B.A., por exemplo, como uma das regras do jogo. Todo o interesse do Lobitismo procede do mesmo princípio. Assim, pois, se quisermos transformar os nossos rapazes em Lobitos, é preciso organizar uma colecção de jogos dentro do espírito que indico, e não abandonar nenhum deles ao longo dos anos.

Sobretudo não os organizemos nem como uma cerimónia, nem como uma tarefa mais, obrigatória. Os nossos rapazes, se os deixarmos agir não pedem mais do que os deixemos animar os jogos com toda a vida de que são capazes e, se houver necessidade, até irão incluindo certos pormenores engenhosos que lhe renovarão o encanto. E enquanto jogarmos com os nossos Lobitos, tão alegremente como eles, lembremo-nos de que esses jogos estão a semear ideias na parte inconsciente do seu ser, que se enraizarão aí, aí florirão desenvolvendo neles as qualidades do Lobitismo, e ajudando-os a tornarem-se homens.

Eis o que os psicólogos entendem por auto-sugestão. Mas alguns dentre eles insistem sobretudo na sua eficácia verbal. Lembrai-vos da frase a repetir: «Vou fazer cada dia melhor e em todas as circunstâncias». Pois bem! Tem o seu valor também. Sem dúvida o Lobito compreende a Lei da Alcateia e as Máximas do Lobito e está decidido a observá-las, mas agem ainda sobre eles poderosamente pela auto-sugestão a fórmula empregada e a repetição das mesmas palavras.

Bastantes pessoas fixes nos repetem que «deveríamos» ser isto ou aquilo e nós nem as escutamos.

A Lei da Alcateia põe as coisas no presente. «O Lobito escuta Aquelá, o Lobito não se escuta a si próprio». À força de repetir esta frase, o Lobito acaba por gravá-la inconscientemente no seu espírito, e realiza-a objectivamente. O resultado é bem melhor do que se fosse levado por um esforço, porque a obediência e o ser senhor de si acabam por passar a um estado de hábito e por fazer parte do ser moral, a tal ponto que se tem verdadeira vergonha de falhar. A Lei da Alcateia torna-se então para o Lobito uma espécie de critério a partir do qual ele julga as coisas deste mundo, sem esquecer as pessoas crescidas. O seu julgamento é benevolente, de resto, e despido de todo o partidarismo. Ele examina-nos enquanto jogamos o grande jogo da vida, curioso de ver se nós observamos as regras que ele próprio chegou a compreender tão bem.

«A Chefe escuta-se a si própria», disseram-me eles uma certa noite de fogo de conselho em que eu acabava de atirar para longe

conduz precisamente a fazer notar ao rapaz o pensamento profundo que o inspirou como indiquei a propósito da B.A.. A melhor maneira de passar da ideia ao acto será sempre realizá-la de uma maneira acessível ao rapaz; levar-se-á a fazer as B.A., por exemplo, como uma das regras do jogo. Todo o interesse do Lobitismo procede do mesmo princípio. Assim, pois, se quisermos transformar os nossos rapazes em Lobitos, é preciso organizar uma colecção de jogos dentro do espírito que indico, e não abandonar nenhum deles ao longo dos anos.

Sobretudo não os organizemos nem como uma cerimónia, nem como uma tarefa mais, obrigatória. Os nossos rapazes, se os deixarmos agir não pedem mais do que os deixemos animar os jogos com toda a vida de que são capazes e, se houver necessidade, até irão incluindo certos pormenores engenhosos que lhe renovarão o encanto. E enquanto jogarmos com os nossos Lobitos, tão alegremente como eles, lembremo-nos de que esses jogos estão a semear ideias na parte inconsciente do seu ser, que se enraizarão aí, aí florirão desenvolvendo neles as qualidades do Lobitismo, e ajudando-os a tornarem-se homens.

Eis o que os psicólogos entendem por auto-sugestão. Mas alguns dentre eles insistem sobretudo na sua eficácia verbal. Lembrai-vos da frase a repetir: «Vou fazer cada dia melhor e em todas as circunstâncias». Pois bem! Tem o seu valor também. Sem dúvida o Lobito compreende a Lei da Alcateia e as Máximas do Lobito e está decidido a observá-las, mas agem ainda sobre eles poderosamente pela auto-sugestão a fórmula empregada e a repetição das mesmas palavras.

Bastantes pessoas fixas nos repetem que «deveríamos» ser isto ou aquilo e nós nem as escutamos.

A Lei da Alcateia põe as coisas no presente. «O Lobito escuta Aquelá, o Lobito não se escuta a si próprio». À força de repetir esta frase, o Lobito acaba por gravá-la inconscientemente no seu espírito, e realiza-a objectivamente. O resultado é bem melhor do que se fosse levado por um esforço, porque a obediência e o ser senhor de si acabam por passar a um estado de hábito e por fazer parte do ser moral, a tal ponto que se tem verdadeira vergonha de falhar. A Lei da Alcateia torna-se então para o Lobito uma espécie de critério a partir do qual ele julga as coisas deste mundo, sem esquecer as pessoas crescidas. O seu julgamento é benevolente, de resto, e despido de todo o partidarismo. Ele examina-nos enquanto jogamos o grande jogo da vida, curioso de ver se nós observamos as regras que ele próprio chegou a compreender tão bem.

«A Chefe escuta-se a si própria», disseram-me eles uma certa noite de fogo de conselho em que eu acabava de atirar para longe

qualquer coisa que será fielmente cumprida. Não é uma simples declaração, é um compromisso, a palavra de uma homem que, de todo o coração, deseja que um outro confie nele. Neste caso pessoal que representa a Promessa do Lobito, estão várias pessoas comprometidas: — O Lobito, em primeiro lugar, que, possivelmente pela primeira vez, deve tomar consciência da sua pequenina personalidade, tomar consciência de que é mesmo ele que quer ser Lobito e que toma uma responsabilidade prometendo empregar sempre a Melhor Vontade. Deve sentir-se feliz por fazer esta tão bela Promessa, temer faltar-lhe, e dar-se conta que todo o acto contrário à sua Promessa será para ele um motivo de vergonha e confusão. O segundo interessado é o Velho Lobo, ao qual o Lobito faz a sua Promessa. Este não deve recitá-la como uma lição aprendida de cor. É preciso que ele sinta que é a vós pessoalmente que ele promete da Melhor Vontade, que vós aceitais este compromisso com confiança e que vos sentis feliz por receber a sua Promessa. Em seguida apertais-lhe a mão esquerda e fazeis-lhe a saudação, porque ele se tornou vosso irmãozinho Lobito. A partir de então vós mantendes com ele relações de uma ordem particular; entre todas as pessoas do mundo, vós sois aquela a quem ele prometeu ser um bom Lobito. Tomai pois a sério a vossa missão de Velho Lobo, e dai uma grande importância à Promessa que vos fazem esses pequeninos. Dizei-lhes que estais no lugar do Chefe do Agrupamento que vos confiou este lugar autorizando-vos a ser Velho Lobo da Alcateia e a receber, em seu nome, a Promessa dos Lobitos. Acrescentai que por todas as partes do mundo há Lobitos que fazem a mesma Promessa a Velhos Lobos, que substituem o Chefe do Agrupamento e que este se sente muito feliz com isso. Do mesmo modo ele sentiria um grande desgosto se um Lobito faltasse à sua Promessa. Falai do Chefe como de um ser vivo, real e apresentai-o como a encarnação do ideal do Escuta e do Lobito.

O culto dos heróis é um fermento mais poderoso que a simpatia pessoal e os diversos atractivos que se espalham no coração do Lobito são todos orientados para qualquer coisa de heróico. Inspirais-lhe, assim, o amor de uma «ideia», a ideia de que o seu dever consiste em serem leais, disciplinados, afáveis, prontos a fazer tudo da melhor vontade. Enquanto não amarem verdadeiramente esta ideia, a Promessa não exercerá sobre eles uma completa influência. Mas logo que vós consigais elevar gradualmente os afectos do seu coração a este plano superior, então tereis realizado uma obra que sobreviverá, provavelmente, ao seu Lobitismo. «Há — diz S. Paulo, o mais realista dos psicólogos — a Fé, a Esperança e o Amor, mas a maior destas virtudes é o Amor».

No entanto, o Lobito que faz a sua Promessa, e o Velho Lobo

que a recebe, não são os únicos interessados... Lembrai-vos da fórmula: «Prometo ser fiel a Deus, ao Rei (¹)... de fazer em cada dia, algo de bom a alguém».

O dia em que recebi a Promessa dos dois primeiros Lobitos da minha Alcateia ficará para sempre gravado na minha memória.

Terminada a cerimónia reuni os meus rapazes para lhes dizer como me sentia feliz por receber os seus compromissos. Falei-lhes do Chefe Mundial e de todos os seus irmãozinhos espalhados por toda a face da terra. Acrescentei que não podendo ver no fundo dos seus corações, nem o Chefe, nem eu, nem os seus irmãos Lobitos, não saberíamos nunca se eles mantinham verdadeiramente a sua Promessa. «Mas há alguém que sabe... Sabeis o seu nome?» Creio que eles iam responder «Deus». Mas o mais pequenino do bando, um pobre pequeno andrajoso que me olhava com os seus olhos negros, brilhantes, respondeu imediatamente: «Nosso Senhor». E ele tinha razão. A ideia geral de Deus Omnisciente não significa grande coisa para um rapazinho de instrução média. Mas se ele imagina que o divino Carpinteiro de Nazaré vê o fundo da sua alma, e que fica contente com os seus esforços, isso representa para ele algo de muito vivo. A resposta deste bocadito de homem serviu-me de lição e, em lugar de pronunciar o pequeno discurso que tinha preparado acerca da importância das promessas e da omnisciência de Deus, expliquei-lhes a grande alegria que dariam a Nosso Senhor cada vez que empregassem a Melhor Vontade para cumprir a Promessa, sobretudo nos momentos em que ninguém os visse e em que as pessoas crescidas não os compreendessem e lhes ralhassem.

Vem em seguida o artigo que diz respeito ao Rei (¹). Esta parte da Promessa pareceu-me difícil de explicar até ao dia em que compreendi que era necessário apelar para o coração do Lobito. E agora que o Rei e o Príncipe de Gales se interessam de modo tão especial pelo Escutismo, a coisa torna-se ainda mais fácil (¹).

Quanto ao «serviço a prestar em cada dia a «alguém», o grande princípio da caridade torna-se facilmente aplicável. Todo o nosso próximo em casa, na escola, na rua, pode precisar da nossa ajuda.

A Promessa é um elo que une ao Lobito todos os seus irmãos, que têm direitos sobre ele, para lhe pedir ajuda. E o Lobito está pronto a abrir-lhes o coração.

(¹) Obs. S/lei em Inglaterra. Em Portugal: à Pátria.

AS ESTRELAS

Há na natureza humana um certo número de elementos que se poderiam qualificar como ideias-força. São instintos que o Criador colocou no coração do Homem para o levar a agir. Sem dúvida não são a mola principal e não se contam entre as motivações mais nobres. Horizontes mais vastos, mais luminosos se abrem diante da alma humana à medida que se eleva e o fim da verdadeira educação, como da verdadeira religião, será sempre ajudar a alma a reconquistar todo o terreno que lhe pertence de direito, de tal maneira que ela apareça diante do Criador em plena posse da sua vontade liberta. Mas a verdadeira educação tem também em conta o instinto; encara-o como um poderoso móbil, como uma influência determinante seja para o bem, seja para o mal; sabe, para mais, que é o ponto de partida comum de toda a raça humana, o terreno sobre o qual todos temos de caminhar. Ora, o Escutismo, sendo a educação por excelência, serve-se de todos os instintos do rapazinho e mostra-lhe a maneira de os utilizar, de os dominar e de tirar proveito deles.

Este ensinamento era necessário, porque desde há muitas centenas de anos a educação manobrava a juventude como se manobrava uma máquina muito simples e mesmo grosseira. Como consequência os jovens governaram os instintos melhor ou pior e algumas vezes mesmo nada, deixando a uns à rédea solta, acorrentando despropositadamente outros, sem tirar partido disso. Este sistema produzia toda a espécie de tipos desde o oportunista sem escrúpulos, até ao escravo apático que amava as suas cadeias. Ao lado de infelizes que não sabiam tirar da vida o mais pequeno prazer, havia os mais infelizes ainda que da vida só tiravam o prazer e que prazer; de onde se seguia uma quantidade de falsas reacções

nos métodos de educação e de reformas inúteis, empreendidas por pessoas que imaginavam poder transformar a natureza humana. Numa palavra, o passado com a sua falta de *senso comum* e de psicologia prática é responsável, em grande parte, pela miséria deste mundo.

Entre as ideias mestras que governam a humanidade, a ambição é uma das principais. A sua psicologia oferece-nos um campo de estudos muito interessante, porque a palavra «ambição» é tomada tanto no bom como no mau sentido, de tal modo que deixa no espírito uma impressão de dúvida. Diante do seu conceito hesitamos, não sabendo que posição tomar enquanto todos sabemos em que categoria se classifica a generosidade, a crueldade ou a coragem.

Parece-me que o primeiro ponto a notar é que a ambição é um atributo essencialmente masculino. Sem ambição uma mulher pode fazer grandes coisas; pode ter nobreza de carácter e firmeza, mas um homem sem ambição é desprovido de qualquer coisa de essencial.

Muitos, infelizmente, são deste número, porque a ambição, esta ideia força, está frequentemente mais adormecida nos homens, do que os casos em que os devora com os seus projectos insensatos.

É preciso, pois, aplicarmo-nos a desenvolver nos rapazes a boa e sã ambição, não a que consiste em se tornar alguém e triunfar na vida, mas antes a que leva a realizar coisas interessantes e a deixar o mundo melhor do que se encontrou. Sejam ambiciosos à maneira do Divino Menino que dizia aos 12 anos: «Devo ocupar-me das coisas do meu Pai.» Essa ambição não se contenta com pedir «que o Vosso Nome seja santificado», «que venha a nós o Vosso reino»: faz todos os possíveis por realizar o que deseja.

A partir do dia em que o menino se torna Lobito a sua ambição despertou. Ele não é ainda mais do que um pobre e pequeno Lobito, cego, incapaz de deixar a sua caverna, de caçar na vasta selva, de acampar, enfim de ter um lugar honroso entre os seus irmãos. Não consegue nem fazer um nó que se mantenha, nem saltar à corda tão bem como as meninas, nem ver no relógio a hora da reunião. Nunca ouviu falar duma cruz em diagonal sobre fundo azul e até aqui, não esteve uma só vez de serviço como Lobito. Oh! Como ele deseja ganhar a sua primeira estrela e ter um olho aberto, um pelo menos... (!) Parece-lhe que todas as coisas que se lhe

(!) Referência ao primeiro programa dos Lobitos que incluía a gradação das provas por um sistema de 2 Estrelas. Ao vencer as que respeitavam à 1.ª Estrela, considerava-se o Lobito com um olho aberto. Com a 2.ª Estrela já via com ambos. A conquista das insígnias começava após a recepção da 1.ª Estrela. Hoje está adoptado o sistema de setas.

pedem são muito difíceis de realizar e os meses que precedem a Promessa parecem-lhe longos como séculos. Mas ele não se concederá nenhum repouso até que tenha passado em todas as provas. Esperará pacientemente que decorram essas semanas intermináveis, até que possa tornar-se, enfim, na única coisa que ambiciona: Lobito. Nos seus sonhos mais exaltados nunca tinha pensado tornar-se outra coisa se não motorista ou marinheiro, e ainda sem nenhuma possibilidade de realizar este desejo dentro de alguns meses. O Lobitismo faz brotar da sua alma uma nova fonte de energia e, repentinamente, aproximou-se uma marca, da idade adulta.

Mas a primeira Estrela não é mais que um primeiro passo. Há muitos degraus a vencer, seja para subir em «graus», seja para se distinguir ao longo dos meses e dos anos futuros.

Talvez que aquele que é Pata-tenra hoje, venha a conquistar sucessivamente todos os escalões para se tornar algum dia um magnífico Chefe de Campo, delegado que sob ordem do Q.G. irá fundar um Campo-Escola, entre os Esquimós, os Zulus, ou mais longe ainda.

Diferentes móveis o guiaram, todos excelentes: mas se a ambição não tivesse conduzido o jogo, não teria atingido estes cumes. De resto já não existe nele actualmente no estádio de móbil; age antes como a energia física de que se sente cheio. Sente uma superabundância de vitalidade, de força, de alegria de viver, que o seu Lobitismo e o seu Escutismo lhe ensinaram a apreciar, a encorajar, a desenvolver e aumentar. A ambição, hoje, faz corpo com a saúde da sua alma e do seu corpo e foi a primeira Estrela o fermento inicial desta ambição.

Assim, pois, entre os nossos Escutas, como entre os nossos Lobitos, sirvamo-nos de graus, de distinções, de insígnias, para estimular a ambição dos nossos rapazes. Que haja pequenas ocupações na Alcateia, concursos para escolher guias, ou, por exemplo, o bibliotecário da Alcateia.

Que todas as coisas entre nós: os campos, os trabalhos manuais, as representações teatrais, contribuam para desenvolver uma boa e frutuosa ambição, o desejo viril de ultrapassar, de triunfar, de ganhar as esporas de uma honorável cavalaria.

O MARAVILHOSO

Ao crepúsculo, velado de mistério, seguir os clarões brilhantes, apanhados pelo vento; estar sentado sobre um tronco de árvore, envolvido numa manta à maneira dos Índios; sentir o orvalho matinal estremecer sob os pés nus; aspirar a fumaçada da fenha e o perfume da «porridge» que fervilha antes do pequeno almoço; dormir numa granja ou debaixo de uma tenda, em vez de dormir numa casa... os Lobitos seriam praticamente incapazes de analisar todas estas sensações, mas disfrutam perfeitamente da sua realidade.

É um pouco como se estivessem sentados ao canto do fogo, numa noite de Inverno, escutando uma história maravilhosa ou como se passassem da rua gelada para um apartamento quente, não muito limpo, talvez, nem muito bem arrumado, nem bem iluminado, mas que é muito deles. Porque, pela maneira como eles entendem as coisas, a casa que habitam não lhes pertence mais do que a escola e o pátio de jogos.

Experimentam aqui, porém, uma misteriosa sensação de propriedade e sentem-se intimamente satisfeitos. Juntaram neste antro uma amálgama de objectos extravagantes, que lhes agradam, porque os encontraram ou fabricaram eles próprios, e sentem mais ou menos a mesma alegria, no meio destas «riquezas», que experimentam quando se entregam a um jogo de imaginação bem organizado, ou quando, no decorrer de um programa no campo, descobrem bosques e ribeiras verdadeiras. Os Lobitos que habitam no Campo recebem esta impressão em outras circunstâncias, quer dizer, no dia em que, de repente, compreendem pela primeira vez o mistério do campo e quão maravilhosas são as coisas que até aqui lhes pareciam vulgares: flores e ninhos de pássaros, árvores e

insectos, as escondidas, as emboscadas atrás das sebes e dos silvados, o significado correcto dos sinais, coisas que ignoravam até aqui. Amam também a saudação do Lobito, este sinal misterioso e particular de que se orgulham, o Grande Uivo, que exprime o seu entusiasmo, e todo este conjunto de ritos que os une a milhares de irmãos, em todas as partes do mundo. Admiram Sir Baden Powell, o Grande Lobo que habita o Centro deste mundo maravilhoso e estão convencidos de que virá um dia em que B.P. entrará no seu círculo e ouvirá o seu uivo. De resto, os mais novos de entre eles não perguntam sempre se é B.P. que chega, quando o Chefe Regional vem assistir ao «Rally»?

Pois bem, este sentimento misterioso que é difícil, se não impossível, descerver em psicologia, é o sentido do maravilhoso.

A maior parte das crianças possuem-no, e até bastantes pessoas adultas. Mas estas perdem-no frequentemente «porque os cuidados deste mundo, crescendo, abafam-no» ou porque o deixam morrer por estupidez.

O Escutismo, como o Lobitismo, devem a maior parte do seu sucesso a este gosto pelo maravilhoso, que existe em estado latente em todas as crianças e B.P. quis tirar proveito disso. Devemos lembrar-nos desta lição.

Todas as crianças têm necessidade de maravilhoso para viver. As crianças ricas têm-no em abundância. Têm jardim, onde brincam, uma quantidade de livros e imagens para se divertirem, os pais e as mães que têm tempo para lhes contar histórias; passar semanas à beira-mar; dão passeios ao campo e fazem pequenas representações, sem falar da visita do Pai Natal e da Árvore de Natal. Mas muitos Lobitos são menos afortunados e essas alegrias faltam-lhes. Sem dúvida, mais tarde ou mais cedo, eles descobrirão a poesia depois de muitas procuras, e a sua pressa de entrar no Lobitismo mostra até que ponto eles tinham falta disso.

Então, se queremos empregar a Melhor Vontade para formar os nossos Lobitos, não esqueçamos o «Maravilhoso» e procuremos reencontrar a nossa alma de criança. Reflitamos sobretudo, nos pontos seguintes: é preciso reunir os nossos Lobitos numa espécie de covil, de preferência a uma escola ou a um quarto. É preciso sacrificar-lhes, e isso vale a pena, as nossas quintas-feiras e Domingos, para os levar ao campo, sobretudo na Primavera e no Verão; é preciso organizar um acampamento, ainda que não seja mais que um campo onde se contarão histórias, porque as histórias são necessárias. Preparemos também grandes jogos e lembrem-nos de que é menos útil multiplicar as insígnias de especialidades, do que ter uma pequena biblioteca, fazer comédias, inventar canções, lengalengas, etc.

Para despertar e desenvolver em si o gosto pela poesia, nada

mais é necessário que um esforço consciente ou metódico. É preciso, simplesmente, ter ocasião de jogar com coisas elementares, como o fogo, a água, árvores, é preciso também ouvir descrições de aventuras. A este propósito, perguntava outro dia a um Lobito: — Então, estáveis sentados à volta do fogo do conselho?... Respondeu: — Não, estávamos sentados à volta do aquecedor de álcool!

Não queria chocar ninguém, mas parece-me que para interessar o espírito das crianças, a religião deve ser fortemente impregnada de maravilhoso. Não falo desta religião sentimental, disfarçado de poesia, que acompanhou a arte romântica do século passado; entendo a poesia essencial da fé, que nos faz crer que Deus nos ama verdadeiramente, que ele vê os nossos actos, e que estes o alegrem ou o entristecem, que veio à terra, onde tomou uma natureza como a nossa, que subiu ao Céu com esta natureza e que, sendo tanto Homem como Deus, nos espera lá em cima. Não é incomparável a história da alma humana, que luta contra o mundo, a carne, o demónio, porque ama a lealdade e detesta a mentira? A vida dos Santos é mais poética e romanesca que todas as lendas da Távola Redonda, que as epopeias gregas, que as canções de gesta, que as «sagas» escandinavas ou que as loas dos trovadores. A essência profunda da religião é mistério e poesia. Os Livros Santos estão mais impregnados dela ainda que a Idade Média.

A vida moderna, infelizmente, matou o sentido maravilhoso, um pouco por todo o lado, mas não chegará a destruir o maravilhoso da verdadeira religião.

É necessário não permitir à moda camuflá-la ainda mais nem deixar que a torne insípida e enfadonha, de maneira a não ter nenhum encanto para as crianças.

Os nossos antepassados sabiam o que faziam quando, para ensinar a religião aos pequeninos, lhes mostravam vitrais, estátuas, imagens, mais do que livros e catecismos. Eles «contavam» a religião e «apresentavam-na» em mistérios, encarnavam os «gestos» de Deus numa festa apropriada, com ritos especiais e procissões, que celebravam tanto a alegria como a dor ou a Adoração. No Domingo de Ramos, por exemplo, saíam dos muros da cidade em procissão, colhendo ramos de buxo ou de salgueiro ao longo da ribeira, e voltavam cantando; ou então percorriam os campos, despidos pelo Inverno, e pediam a Deus para abençoar a terra mãe e a tornar fecunda. Nesses tempos os homens viviam mais perto de Deus e do maravilhoso. O Escutismo reconduz a isso. Vêde este altar construído grosseiramente, este tapete de relva e musgo, estas paredes de folhagem verde, e estes pássaros que servem de coral. Não é esta a Igreja que os Lobitos preferem?

Uma história contada à luz vermelha e vacilante dum fogo de

conselho vermelho e vacilante, a oração recitada à luz das estrelas — eis o verdadeiro meio de lhes tocar o coração e fazer de lá brotar um acto de adoração. Mas tomemos cuidado para que este acto de adoração se dirija ao único e verdadeiro Deus e não a qualquer espirito Índio que incarnasse na natureza, sem ter nenhum atributo divino, nem mesmo humano. Que uma ideia vaga de poder ou de infinito não usurpe o lugar do nosso Deus. Se estais ávidos de grandeza, de mistério de verdadeira poesia, lêde o maravilhoso prólogo em S. João que conta como Deus se fez homem; e lêde, em seguida, a história duma vida, que é a poesia divina de todos os séculos, um drama que termina com o triunfo dos triunfos.

O MEIO ADEQUADO (ambiente)

Nos capítulos precedentes procurei explicar-vos o que poderíamos chamar o atractivo secreto do Lobitismo e a importância de jogar «a sério» o jogo, como quer o Grande Chefe, se queremos que este método produza os seus efeitos.

Mas, como disse, o atractivo secreto de que o rapaz mal tem consciência, não é o fim último.

Seria assim se o rapaz não fosse senão um Lobito, coberto de pêlo e governado unicamente pelo instinto. Mas lembrai-vos de que Mágli era um homem-lobo. Báguirá sabia-o bem, no momento da crise apelou para a inteligência humana adormecida neste filho selvagem da Selva, a esta inteligência dotada de uma vontade livre, que pode escolher de uma forma deliberada, e que impõe ao instinto o domínio do espírito. O instinto da Alcateia levava-a a matar Aquêlá, porque estava velho. Ora Báguirá sabia que, no fundo do Lobo-Homem, havia qualquer coisa que subordinaria o instinto de conservação, às ideias superiores de lealdade e de reconhecimento.

A Alcateia suportava Xer Cane porque era poderoso. Ora Báguirá sabia ainda que um homem-lobo ouvia o apelo da Justiça. E foi assim que Aquêlá foi salvo e Xer Cane feito em pedaços, como deviam ser todos os tiranos.

Se o Lobitismo responde tão bem às aspirações do rapaz, é porque é conforme às leis naturais da psicologia; é preciso, pois, considerá-lo como um meio apropriado à jovem alma humana, aquele em que ela se desenvolverá melhor, que nos compartimentos caducos da educação de outrora. Sendo este meio apropriado

à criança, atrairá nele, por assim dizer, o que tem de melhor, e ajudá-lo-á, pouco a pouco, a elevar-se acima dos seus melhores instintos, até aos actos superiores de um ser razoável, capaz de preferir o bem ao mal, Deus ao mundo, ou a si próprio. E foi esta a ideia-mestra do Chefe Escuta, quando fez da crença em Deus a pedra angular do Escutismo.

É-nos difícil interessar directamente as crianças por esta ideia, sobretudo as que têm a idade dos Lobitos. A maior parte das vezes não podemos fazer senão aquilo que eu disse na maior parte dos capítulos: — colocar o rapaz no ambiente apropriado, e deixá-lo agir seguindo a natureza. Mas o nosso fim principal será sempre levá-lo gradualmente e servir-se da sua vontade livre, para que escolha deliberadamente o melhor caminho e o mantenha por toda a vida.

F I M

Índice

Introdução à edição inglesa.....	2
----------------------------------	---

PRIMEIRA PARTE

Capítulo I— O SENTIDO DAS COISAS NA SELVA.....	7
Capítulo II— A DISCIPLINA NA SELVA.....	7
Capítulo III— AS LIÇÕES DA SELVA.....	10
Capítulo IV— CORAÇÃO FORTE E LÍNGUA CORTÊS.....	14
Capítulo V— OS CASTIGOS NA SELVA.....	18
Capítulo VI— ADEUS À SELVA.....	21

SEGUNDA PARTE

OS LOBITOS E A BELEZA DA NATUREZA.....	30
--	----

TERCEIRA PARTE

Capítulo I— A PSICOLOGIA DO LOBITISMO.....	39
Capítulo II— A FARDA.....	42
Capítulo III— A LEI DA ALCATEIA.....	45
Capítulo IV— A PROMESSA.....	49
Capítulo V— AS FÉRIAS.....	53
Capítulo VI— O CASAMENTO.....	56
Capítulo VII— O EQUADOR (Ambiente).....	60